

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA  
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO  
SEÇÃO TÉCNICA DE PROJETO, RESTAURO E CONSERVAÇÃO

CASA DO POLITÉCNICO  
**CADOPÔ**

RELATÓRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

SET 2008

Arq. Lara Melo Souza

## **1 APRESENTAÇÃO**

O presente relatório tem como objetivo caracterizar o atual estado de conservação do imóvel denominado CADOPÔ, localizado a Rua Afonso Pena, 272. O edifício foi recém adquirido pela municipalidade para abrigar futuro anexo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz, que funciona no Edifício Ramos de Azevedo, em lote contíguo.

Esta caracterização tem o intuito de dar um retrato do estado em que o edifício foi adquirido pela prefeitura, já que deverá ser em breve recuperado e adaptado para receber o novo uso.

## **2 BREVE HISTÓRIA**

A Casa do Politécnico foi construída para abrigar as instalações da moradia estudantil e do Grêmio da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, que a época funcionava no Edifício Ramos de Azevedo. O primeiro processo de entrada do projeto na prefeitura data de 1949. O edifício foi construído provavelmente na primeira metade da década de 50 e quem assina é o engenheiro-arquiteto Miguel Badra Júnior, que aparece também como construtor junto com Alberto Badra. Em 1956 sofreu algumas modificações no agenciamento interno dos usos, o que gerou nova entrada de processo no arquivo da prefeitura.

A Casa do Politécnico foi construída por iniciativa do Grêmio da Escola Politécnica, com ajuda de particulares, em sua maioria ex-alunos, e da reitoria da USP e funcionou plenamente a seus propósitos durante os primeiros 20 anos de existência. Na década de 70, com a transferência da Escola Politécnica para a Cidade Universitária, o edifício foi perdendo seu sentido, pois localizado no Bom Retiro, estava muito longe das instalações da Escola. Nesse momento começou o processo de degradação e abandono do edifício, que deixou de exercer a função para que fora projetado, e foi sendo ocupado por outros moradores, e posteriormente por grupos artísticos, de teatro, dança e artes gráficas, não mais necessariamente vinculados à universidade ou ao Grêmio Politécnico, que ainda mantinha a propriedade e a gestão legal do prédio.

A Casa do Politécnico, a partir da década de 80, quando já havia pouquíssimos moradores estudantes da USP, se mantinha basicamente das festas realizadas em suas dependências, o que não era suficiente. Além disso, a falta de envolvimento dos moradores que não tinham a ver com os estudantes foi contribuindo para a falta de manutenção e o descaso. Aos poucos o edifício foi sendo abandonado pelos estudantes que restavam e invadido.

Em 1993, o Grêmio Politécnico entra com um pedido de reintegração de posse junto a prefeitura e consegue desocupar o prédio. Dois anos mais tarde, cede em comodato a utilização do edifício como moradia para um zelador, que tem por obrigação fazer a manutenção do edifício. É quando se tenta fazer um movimento de renovação do uso. Os diretores do Grêmio tentam estabelecer contato com a Secretaria de Cultura do município, e apresentam propostas de gestão compartilhada para transformá-lo em casa de cultura. Sem muito avanço nas negociações, o próprio Grêmio tentar articular uma ocupação artística, com uma programação de eventos e performances, que começou a dar um novo caráter a ocupação do edifício.

Se por um lado a ocupação dos últimos anos deixou um rico legado artístico e deu ao edifício um novo caráter referencial, por outro, a inadimplência, a falta de manutenção e de gestão presente acabou por deixar o edifício em estado lastimável. Os ocupantes foram improvisando as instalações da maneira que podiam e acabaram contribuindo para a degradação.

Nos anos 2000, foi novamente estreitado o contato com a Secretaria de Cultura, na figura do Departamento do Patrimônio Histórico, com a intenção de recuperar o edifício e requalificar sua

utilização. Em 2007, a Secretaria Municipal de Cultura começou a fazer os atuais estudos e a articular a desapropriação do CADOPÔ para fazer projeto de adaptação com o intuito de abrigar anexo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz. Finalmente, em 2008, o edifício passou a ser propriedade do município e os estudos para o projeto arquitetônico de adaptação foram finalizados.

### **3 CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO**

O edifício do CADOPÔ pode ser entendido em base e corpo, com tipologias diferenciadas. Térreo, mezanino, 1º, 2º e 3º andares formam a base, coincidem com a altura do edifício Ramos. A base tem desenho mais leve e fluído, com diferenciação das projeções do piso e varandas. Os materiais predominantes são os panos de esquadrias metálicas e de tijolo aparente. Do 4º ao 8º andares, a massa do edifício é mais densa e compacta, com revestimento em pastilhas cerâmicas e janelas quadradas com sistema de venezianas distribuídas regularmente na fachada. Este bloco pode ser entendido como o corpo superior, é mais claro e se confunde com os edifícios residenciais do entorno. O 9º pavimento é um grande terraço, com uma pequena área ocupada onde havia uma lavanderia e a original casa do zelador.

A base corresponde aos usos coletivos do edifício: a sede do grêmio, salas de estudo e de trabalho, refeitório, etc. No corpo superior ficavam as habitações estudantis, numa planta livre, com divisórias leves. Nos últimos anos, o primeiro andar estava sendo ocupado por um grupo de teatro que lá fazia apresentações e que para tal fim empreendeu modificações como pinturas, fechamento de vãos, separações com divisórias e a implantação de um banheiro. O 5º e o 6º pavimentos eram utilizados como ateliês e por isso hoje são os que mais possuem instalações gráficas e intervenções artísticas.

A circulação vertical se dá por meio de duas torres de escadas. A primeira, de lance único, serve todo o edifício. A outra vai do térreo ao terceiro andar, servindo somente aos usos coletivos. O edifício possui um elevador, atualmente inutilizado.

Miguel Badra Jr, engenheiro-arquiteto formado pela Escola Politécnica da USP em 1945, além de projetar o edifício, foi, juntamente com seu irmão, Alberto Badra, engenheiro civil e eletricitista também formado pela Poli, na firma Alberto Badra e Miguel Badra Júnior & Cia, responsável técnico pela sua construção.

Projetado e construído na década de 50, o edifício do CADOPÔ carrega fortes influências do projeto moderno e dos preceitos corbusianos: *pilotis*, teto jardim, planta livre, janela contínua e estrutura independente. Badra, além de arquiteto e construtor atuante, lecionou a cadeira de “Teoria da arquitetura” entre 1952 e 1954 na FAUUSP, e prestou concurso em 1957 (FICHER, 2005). Sua produção teórica e acadêmica estava ligada a defesa de uma arquitetura fundamentada na técnica, na estética da ciência; naquilo que chamava de verdade em arquitetura, a expressão franca, espontânea, sem falsidade (BADRA JR, 1959).

Segundo Sylvia Ficher, Badra foi o construtor de dois projetos de Rino Levi, entre eles a sede do IAB/SP, em que se inspirou para ao projetar a Casa do Estudante Politécnico. Em seus escritos, procurava uma arquitetura contemporânea, que refletisse o modo social e a estética de seu tempo; cita várias vezes os projetos de Richard Neutra, Frank Lloyd Wright e Le Corbusier, e a obra de Bruno Zevi e Benedetto Croce, o que revela suas influências teóricas e projetuais, bastante atuais na época.

#### **4 FONTES**

BADRA JR, Miguel. *Notas à teoria da arquitetura*. São Paulo: Anhambi, 1959.

ESCOLA POLITÉCNICA DA USP. *História da Escola Politécnica*. Disponível em <http://www.poli.usp.br/Organizacao/Historia/default.asp>, acessado em 22/09/2008.

FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005.

Processo administrativo 1988-0.018.807-9. São Paulo: PMSP, 1949.

Processo administrativo 1988-0.018.808-7. São Paulo: PMSP, 1949.

Processo administrativo 1988-0.018.809-5. São Paulo: PMSP, 1956.

STPRC. Documentos de trabalho, atas de reunião e relatórios técnicos.